

SEBASTIÃO DA GAMA - JOSÉ RÉGIO - MÁRIO DIONÍSIO
JOSÉ TOLENTINO MENDONÇA - CARLOS SANTOS
MARIA BARROSO - EUNICE MUÑOZ - GERMANA TÂNGER
JOÃO VILLARET - MÁRIO VIEGAS - LUÍS MIGUEL CINTRA

José António Geraldo Marques da Silva

REGISTOS SONOROS DE INTERPRETAÇÃO POÉTICA:

**análise dos modos de dizer poesia em Portugal, a partir das
gravações em disco**

Anexo A: COISAS SOBRE DIZER POESIA
{ANTOLOGIA DE TEXTOS DE AUTORES PORTUGUESES}

Tese de doutoramento em Materialidades da Literatura,
orientada pelos Professores Doutores Osvaldo Manuel Silvestre e Manuel Portela
e apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Setembro de 2015



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

APRESENTAÇÃO

Não são muitos os textos de autores portugueses que se debruçam sobre o que é dizer poesia... Esta antologia apresenta alguns desses textos, seguindo a mesma organização dos capítulos da tese: Os Poetas (Capítulos 1 “A voz do poema” e 2 “A voz dos poetas”), O Professor (Capítulo 3 “Dizer Poesia”) e os Intérpretes (Capítulo 4 “A voz dos intérpretes”, principiando por “a poesia dita por mulheres”, subcapítulo 1). Os textos foram recolhidos da sua edição original (apenas em três casos, Sebastião da Gama, João Villaret e Mário Viegas, existiram obras reeditadas), que ocorreu em diferentes tipos de publicação, sobretudo escrita, razão pela qual a antologia inclui: (1) excertos de livros (*A Arte de Dizer* de Carlos Santos, 1929, e *João Villaret – Uma Biografia* de António Carlos Carvalho, 2008), (2) textos publicados em capas de discos (Mário Viegas – *Palavras Ditas*, 1972), (3) artigos publicados em jornais (Sebastião da Gama - *Sôbre a Poesia: Dois Dedos de Conversa*, 1950; José Régio - *A João Villaret: Sobre Coisas de Poesia e Teatro*, 1955; e Mário Dionísio – *Dizer Poesia*, 1963), (4) entrevistas publicadas em jornais (*Mário Viegas grava “O guardador de rebanhos”* por Inês Pedrosa, 1983; e *Entrevista a Germana Tânger: “Os poetas nunca são de um governo”* por Maria Ramos Silva, *Jornal i*, 12 Abr 2013.), (5) prefácios a antologias poéticas (Maria de Jesus Barroso – “prefácio” a *Os poemas da minha vida*, 2006; e Eunice Munõz – “os textos a que mais vezes dei a minha voz”, *Os poemas da minha vida*, 2006), (6) introdução a livros com CD (Luís Miguel Cintra – “Apresentação”, *Poemas de Gastão Cruz ditos por Luís Miguel Cintra*, 2005), (7) artigos publicados em linha (José Tolentino Mendonça – *A Bíblia como leitura*, 2011) e (8) mesmo a transcrição de parte de uma entrevista radiofónica (João Villaret entrevistado por Igrejas Caeiro, 1954).

Não estão todos os textos sobre “dizer poesia” incluídos nesta antologia. Longe disso... tenho consciência do pouco que conheço. Por esse motivo gostaria de imaginar que esta antologia está em aberto.

Acerca da seleção e recolha de textos, há que referir que, de todos os textos desta antologia, o primeiro texto que verdadeiramente li, o de Sebastião da Gama, foi-me dado a conhecer, bem como aos meus colegas de doutoramento em Materialidades da Literatura, pelo Prof. Dr. Osvaldo Manuel Silvestre. Portanto, é a ele que se deve, em primeira instância, a sua inclusão nesta antologia.

Os textos de José Régio e Mário Dionísio surgiram da leitura da tese de mestrado em Estudos de Teatro, de Diana Dionísio Monteiro Marques, *Um Teatro com Sentido: A voz crítica de Manuela Porto*. (Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa – Centro de Estudos de Teatro, 2007). Todos os outros foram surgindo naturalmente à medida que ia pesquisando material para a tese.

A Biblioteca Municipal de Coimbra facultou-me o acesso aos originais de José Régio, Mário Dionísio, Inês Pedrosa / Mário Viegas, Eunice Muñoz e Maria de Jesus Barroso que aqui são transcritos.

Possuo, há vários anos já, um exemplar da edição original de *A Arte de Dizer*, de Carlos Santos, que fui folheando ao longo dos tempos, sem realmente o ler, muito antes de ler o texto de Sebastião da Gama. O mesmo se aplica aos textos dos livros que acompanham a edição da *Discografia Completa de Mário Viegas* (O Público, 2006). Folhear ou ler — um leitor tem sempre essa escolha. Enquanto não necessita de ler, tudo o que faz é folhear: folheia um romance para saber se lhe interessa, se o vai ler, folheia vários livros para decidir qual deles vai ler, folheia um dossier para descobrir um pedaço que quer ler, folheia uma revista para não ter de ler um livro. Claro que folhear também é ler e é leitura. Mas feita a partir de, de publicidade. É leitura sem consequência, sem responsabilidade; é procurar indícios, pistas em poucas frases, rapidamente;

Espero, pois, que (primeiro) folheiem esta antologia. (E que, se algo vos interessar, depois leiam o que vos interessou.) E que a guardem durante algum tempo. Nunca se sabe...

José Geraldo

SUMÁRIO

OS POETAS

SEBASTIÃO DA GAMA ~ *Sôbre a Poesia: Dois Dedos de Conversa* (1950)

Jornal do Barreiro, nº 14, 24 de Agosto de 1950, p. 3.

O segredo é amar, recolha póstuma de textos em prosa. Lisboa: Ática, 1969.

JOSÉ RÉGIO ~ *A João Villaret: Sobre Coisas de Poesia e Teatro* (1955)

Cartas de Vários Sobrescritos – 26. *Diário Popular*, 25 de Fevereiro de 1955.

MÁRIO DIONÍSIO ~ *Dizer Poesia* (1963)

Diário de Lisboa, 14 de Fevereiro de 1963, p. 17 e 19.

JOSÉ TOLENTINO MENDONÇA ~ *A Bíblia como leitura – Apocalipse ou Revelação do Apóstolo S. João, O Teólogo* (2011)

Texto de apresentação para o lançamento da edição do CD lido por Luís Miguel Cintra. Lisboa, Teatro da Cornucópia, 9 de Setembro de 2011. [Texto e vídeo em linha].

O PROFESSOR

CARLOS SANTOS ~ *Excertos de A Arte de Dizer* (1929)

Lisboa: Livraria Popular de Francisco Franco, s. d. [1929].

OS INTÉRPRETES

MARIA BARROSO ~ *prefácio* (2006)

Os Poemas da Minha Vida. Lisboa, Porto: Público, 2006. *Os Poemas da Minha Vida* nº 12.

EUNICE MUÑOZ ~ *os poemas a que mais vezes dei a minha voz* (2006)

Os Poemas da Minha Vida. Lisboa, Porto: Público, 2006. *Os Poemas da Minha Vida* nº 13.

GERMANA TÂNGER ~ Maria Ramos Silva - Entrevista a Germana Tânger: “Os poetas nunca são de um governo”

Jornal i, 12 de Abril de 2013.

JOÃO VILLARET ~ falando com Igrejas Caeiro: excertos - a arte de recitar (1954)

Entrevista transmitida pelo *Rádio Clube Português*, em *Perfil do Artista*, 15 de Julho de 1954.

Editada em LP (Lisboa: Sasseti, 1954).

Reeditada em CD (Lisboa: Companhia Nacional de Música, 2012).

António Carlos Carvalho - *João Villaret – Uma Biografia*. Lisboa: Ulisseia, 2008, p. 73.

MÁRIO VIEGAS ~ Texto publicado no interior da capa de *Palavras Ditas* (1972) seguido de Inês Pedrosa ~ Mário Viegas grava “O guardador de rebanhos” (1984)

Mário Viegas - Discografia Completa. Lisboa, Porto: O Público, 2006. Vol. I, p. 73-74.

Lisboa: *Jornal de Artes e Letras*, 1984. Ano III, nº 78, de 3 a 9 de Janeiro de 1984, p. 22.

LUÍS MIGUEL CINTRA ~ Apresentação (2005)

Poemas de Gastão Cruz ditos por Luís Miguel Cintra. Lisboa: Assírio & Alvim, 2005. Sons.

Sobre a Poesia: Dois Dedos de Conversa

Jornal do Barreiro, nº 14, 24 de Agosto de 1950, p. 3



Para o povo inculto, como para as crianças, a Poesia identifica-se com o canto. Ainda ontem, lendo eu versos a uma pequenita de dez anos, me pediu ela de repente: “Canta-os antes.”

O povo inculto, esse não diz “poesia”, diz “cantigas”, e para ele o poeta é o cantador.

No povo inculto e na criança é que a verdade acerca da Poesia está guardada; é que o conceito de Poesia se mantém ingênuo. Pois não começou a Poesia por ser o puro canto? Veio depois, ainda fiel à origem, a música a acompanhar a Poesia. E finalmente prescindem os poetas da música — ou sonham o sonho de a incorporar nas próprias palavras, de a sugerir pelo ritmo do verbo. O pior é que os versos — contingências da Imprensa! — são lidos, por muitos ou muitas vezes, em voz baixa; e então a música existe mal ou não existe mesmo.

Um amigo meu, revolucionário de raiz, pede que sejam os versos gravados em discos em vez de impressos em papéis. E tem ele muitíssima razão. Os poetas fizeram os seus versos para serem ouvidos, não para serem lidos; ouviram-nos, antes de os lerem, que é esse mesmo o milagre da inspiração. Gravados, chegariam puros aos ouvidos do público, como o Poeta os quis, como o Poeta os soube.

Pense quem queira que muitos poetas dizem mal os seus versos. Dirão. Mas não deixa lá por isso de ser verdade que só eles saberão dizê-los “em intimidade”, quero eu significar: em plena comunhão com a palavra, com perfeita compreensão os mínimos pormenores. Os grandes declamadores? Pois sim... conseguem às vezes, até, tornar célebre uma pobre poesia; arrancarão ao público mais palmas do que arrancaria o Poeta; mas foi “outra coisa” que eles deram a conhecer.

Dentro do seu direito e da sua lícita ambição de criar, criaram mesmo. E se criaram — onde ficou a criação do Poeta? Lá para trás, lá para o fundo. No Poeta.

Dada ao público, pela declamação alheia ou pela Imprensa, poderá o poema ganhar na sua gloriosa vida; mas morreu na sua essência, que era segredo, música da alma, intimidade com o Poeta, identificação com o Poeta.

Conclui-se de tudo isto que sou contra a publicação, não importa qual, dos versos? Não, por Deus. Que toda a poesia requer comunicação, porque toda a poesia é mensagem, é recado: e o recado não é do Poeta aos seus botões, é do Poeta aos outros homens. Eu digo é que são frustes os caminhos que a mensagem tem de tomar, porquanto a desgastam — tanto mais desgastam quanto mais longe a levam. É preciso que chegue ao Mar o fiozinho de água — e bom é que chegue, pois que é preciso. Mas a limpidez e a frescura vão diminuindo à medida que o caudal alarga.

Venha em meu apoio o Carlos Queirós, que escreveu no *Breve Tratado de Não-Versificação*:

“Onde estará esse leitor
Que não soletra nem recita?
Que não tropeça nas imagens
Que não ofende os nossos ritmos
Que não destrói as nossas flores?

Onde estará esse leitor,
Onde estarão esses leitores?”

Esses leitores não há, ou dificilmente os há, Carlos Queirós.

Há dias ouvi assombrosa interpretação do teu 'Teatro da Boneca'. Tu serias obrigado a gostar, tenho a certeza. Mas o 'Teatro da Boneca' não foi assim que em ti o ouviste, que em ti o disseste.

Sebastião da Gama

[Texto compilado em *O segredo é amar*, recolha póstuma de textos em prosa. Lisboa: Edições Ática, 1969.]



JOSÉ RÉGIO

A João Villaret: Sobre Coisas de Poesia e Teatro

Diário Popular, 25 de Fevereiro de 1955

Cartas de Vários Sobrescritos – 26

(p.1)

Meu caro João Villaret:

Ainda pensei que velar o seu nome sob qualquer vaga personalidade, como tenho procedido em relação a outros, nalgumas destas cartas. Mas para quê? Era quase impossível, dirigindo-me eu a Você, que Você não fosse reconhecido! Perdoe-me, pois, o que possa haver de indiscrição na publicação desta carta que pudera ser-lhe dirigida particularmente. A quem se interesse por poesia, divulgação de poesia, teatro e realização de bom teatro, porventura poderá a leitura destas linhas despreziosas (que não tenho a pretensão de nelas dizer nada de novo) entreter durante uns minutos.

Ora bem, meu caro Villaret: Aqui [...]

(p.6)

[...] há dias, telefonou-me um amigo que, para me distrair, — dizia ele — me fez um animado relato de uma entrevista que Você acabava de dar pela Rádio. Eu estava numa Casa de Saúde (perdoe se estas linhas ainda se ressentem do mal) e de aí a conveniência de distração. Conforme esse caridoso amigo, a sua entrevista era verdadeiramente sensacional. Que ele me perdôe, não sei se foi inteiramente rigorosa a reportagem que dela me fez. Também não sei se em qualquer parte vieram publicadas quaisquer suas palavras esclarecedoras da sua atitude. Reduzindo a coisa à expressão mais simples, — o que eu entendi foi o seguinte:

Primeiro: Você estava resolvido a abandonar a declamação de poesia, para se dedicar particularmente ao teatro; segundo: não abandonaria por completo a declamação, tendo prazer em, de vez em quando, dizer alguns poemas a que a sua maneira parecia mais adequada; terceiro: convencera-se de não haver prestado grande serviço á poesia com as

suas declamações pois criara uma escola que, de certo modo, a deformava, posto, no geral, não fosse isto pensado pelos poetas declamados.

Vindas, assim, a publico em segunda ou terceira mão, não atrairão por demais estas expressões o seu pensamento? Supondo que não, vejamos:

Que Você passasse a fazer particularmente teatro, só poderia encher de contentamento os seus mais leais e conscientes admiradores. Está claro, falo do teatro a sério. É um dó de alma, João Villaret, (aceite-me a pitoresca e popular expressão) é um dó de alma que um actor extraordinariamente dotado como Você — um actor que bem poderia, com perseverança, estudo, e aquela superior humildade que não exclui consciência do valor próprio, mas a implica das dificuldades sempre reais, tornar-se um grande actor europeu — se gaste numa espécie de vagabundagem em que, por certo, ganha popularidade e dinheiro, mas perde, ou corrompe, ou não desenvolve como pudera o que de melhor nos tinha a dar o seu génio artístico. Tolere-me esta franqueza, que é a de um verdadeiro amigo e a de um admirador consciente. E olhe que eu nem sequer pretendo dizer com isto que, no meu entender, devesse Você deixar por completo os seus numeros de *music-hall* e revista, se estes lhe fazem falta. Com alguns me tenho eu próprio deliciado. Feliz ou infelizmente, o seu génio histriónico assume várias facetas. E, além de, possivelmente, lhe darem mais dinheiro que o grande teatro, compreendo que esses numeros lhe dêem, também, verdadeiro prazer. Simplesmente, era preciso que toda essa actividade semi-artística não afogasse a sua actividade verdadeiramente nobre: a sua actuação de verdadeiro actor. Era preciso que, pelo menos de vez em quando, — mas nunca sem interrupção propriamente dita — Você se lembrasse que a sua verdadeira missão, a sua verdadeira vocação, o verdadeiro fim da sua vida, é o de dar forma viva ás grandes criações dos poetas dramáticos. Será isto o que Você agora se propõe, propondo-se entregar-se mais eficazmente ao teatro? Oh, prouvera a Deus!

Se, numa certa medida, por vezes me descontentava a sua actuação de declamador, é que pensava que ela o [tinha] habituado a *encher sòzinho o palco*, a defrontar-se só com o publico, a ser *unico* em cena. Ora isso é profundamente contrário aos bons hábitos do teatro, que é uma arte de conjugação; — e que é, ou deveria ser, o seu verdadeiro destino, meu caro Villaret. Por muito grande que seja um actor, (e a não ser que se proponha encher com o seu talento, de certo modo fulgurando em vão, uma qualquer anedota deliberadamente

escrita para ele trabalhar sozinho) nunca a realização de uma verdadeira peça pode depender só dele; nem sequer particularmente dele; pois sempre a realização digna de uma verdadeira peça é um espectáculo complexo, extremamente complexo, dependente da colaboração eficaz de muitos esforços e talentos. Em suma: O abusar um pouco das declamações de poesia — só o poderia prejudicar a Você, como actor, e, conseqüentemente, ao nosso teatro. Agora que Você tenha prestado maus serviços á poesia com os seus recitais, não pense nisso, João Villaret! Mas alguma vez o poderia Você pensar a sério?

Decerto, pode conceber-se uma maneira de dizer versos inteiramente diferente da sua; até com vantagens sobre a sua. Mas entendamo-nos: com vantagens e desvantagens. Devo confessar que não tenho ouvido muitos declamadores. Mas dois declamadores portugueses ouvi que nunca mais poderei esquecer: Manuela Porto e Você. Manuela Porto — pelo menos quando a ouvi — era dizendo versos, um admirável exemplo de sensibilidade, inteligência, atenção, finura. Todos os versos, todas as palavras se ouviam, — e com a sua expressão própria; ou, pelo menos, com a que lhe atribuí a sua interpretação sempre inteligente. Vinham-nos as lágrimas aos olhos, ouvindo-a dizer certas coisas — e a gente nem dava por isso. Você Villaret, criou uma maneira diversa: muito menos sóbria, muito menos atenta aos pormenores, isto é: aos valores de cada palavra e cada verso, muito menos analítica, digamos: e, em compensação, muito mais empolgante, muito mais sintética, muito mais apta a sugerir uma atmosfera, a dar o movimento primitivo da inspiração, a sublinhar as grandes linhas ondulatórias do poema.

Das duas maneiras, a mais própria a *divulgar* poesia é a sua. Quero dizer: a fazer chegar a poesia ao grande publico. Gentes incapazes de lerem versos poderão ter sincero prazer em lhos ouvirem declamar a Você. E outras porventura não muito inclinadas a comprarem livros de poemas — irão comprá-los sabendo que lá vem o poema que lhe ouviram. Sim, a sua maneira de dizer, de representar um poema, de modo nenhum dispensa a leitura dele: Perdem-se muitas *intimidades* da poesia nessa poderosa, arrebatadora, ofuscante maneira que é a sua; (ou era, porque já não o oiço há tempos). Mas essa declamação que de modo nenhum dispensa a leitura do poema declamado — aliás, nenhum estilo de dizer versos pode substituir o colóquio íntimo entre o leitor e o poeta — essa declamação convida, excita poderosamente á leitura que não dispensa. Pelo que me diz respeito, quanto lhe deve, meu caro Villaret, certa popularidade da minha poesia! Sei, por confissão própria, de muitas pessoas que, depois de lhe terem ouvido o “Cantico Negro” ou a “Toada de Portalegre” —

se apressaram a procurar nas livrarias os meus livros de versos. E não veio num jornal que, depois de lhe ouvir o “Fado dos Pobres”, alguém foi oferecer mil escudos a uma casa de beneficência da terra? São pormenores significativos.

Ainda umas palavras e já o deixo, meu Amigo: Sem duvida há poemas – os mais nus, ou íntimos, ou intelectuais – aos quais melhor se ajustava a maneira de Manuela Porto. E outros há – os mais espectaculares, ou violentos, ou dramáticos, ou expressionistas – aos quais a sua se apropria melhor. Sem duvida os seus imitadores se podem tornar intoleráveis: e, por isso, acho que é um grande erro procurar imitá-lo! Pois que farão eles, os pobres, se lhes falta a sua garra, o seu grande poder de presença e comunicação, — o seu génio histriónico, em suma? que farão, senão uma caricatura tonitroante e gesticulante? Mas disso não é Você responsável, meu caro João Villaret.

E adeus por hoje. Não deixe de vez a declamação de poesia, em que tem conquistado tão justos triunfos, e em que a poesia só lhe pode ficar devedora. E quando vem, então, esse teatro, — um pouco de verdadeiro teatro ao menos de longe a longe, para que Você não morra sem se ter cumprido?

José Régio

MÁRIO DIONÍSIO

Dizer Poesia

Diário de Lisboa, 14 de Fevereiro de 1963

Suplemento semanal: “Vida literária e artística” - número 237



(p. 17)

“Plus bas que ne descend la sonde” intitulou Jean Cassou o capítulo final de um livro em que reuniu um dia algumas crónicas notáveis sobre a poesia francesa posterior a Baudelaire e nas quais levantou vários problemas centrais da poesia de todos os tempos. Título voluntariamente impreciso, pois que o que nele o autor desejava precisar era o que dificilmente se deixa captar até ao fim em qualquer poema de um verdadeiro poeta. Assim se referia Cassou áquilo mesmo que Afonso Duarte invocava no seu “Canto de Babilónia”: Tu, palavra de poesia / Só tu, humana e perfeita!” e, de algum modo, logo a seguir explicava: “Pois só tu, por natureza, / Dás espírito á Beleza, / Tu, palavra de poesia!”. Para Afonso Duarte como para Jean Cassou (“il n’est de problème que de l’homme, et il ne peut être poésie que de l’homme”) esse imponderável que é a carne e o sangue e o halo de um poema

e que só a “palavra de poesia” permite tornar realidade comum, não oculta nenhum elemento sobrenatural que nos seja vedado sentir ou mesmo ou mesmo *compreender* desde que saibamos de que espécie particular de compreensão se trata. Não parece, na verdade, que no tantas vezes invocado “mistério da poesia” alguma coisa se passe para além do que humanamente somos nós, homens de todos os dias e de todos os lugares. Toda essa insatisfação, ou esse encantamento, essa ansiedade, esse não poder dizer-se de outro modo — esse mistério, se quiserem — só de nós sai e só em nós ecoa. Transmuda-nos, sim, acrescenta-nos, sem dúvida, a um tempo nos torna mais lucidos e mais confusos, mais serenos e mais insatisfeitos. Mas diga-se o que se disser, arraste-nos para a teoria que nos arrastar a própria dificuldade de explicar o que no mais fundo de nós mais inexplicavelmente se manifesta, a poesia só existe porque uma indomável necessidade de comunicar nos leva a escrevê-la ou a lê-la, a querer ouvi-la dita por nós ou por outrem, a lançar mão dela nos momentos mais inteiros e mais nus da nossa vida — de ternura e de ira, de desencanto e de fervor, de abatimento ou de revolta. E é bem a “execução do poema que é o poema”, como quer Valéry. Pois antes da sua execução o poema não existe senão como necessidade ainda obscura, como ansiedade, como perturbação, muitas vezes deliciosa mas que só se torna criadora quando se transforma em acto por meio de tal palavra que se despega de todas as outras palavras, nessa “ligação contínua”, de que também Valéry falava, “entre a voz que é e a voz que vem e que tem de vir”. Momento exaltante e terrível em que o poema vence ou para sempre desaparece sem ter podido desembaraçar-se da névoa profunda em que surdamente desponta, a caminho da “caçada nocturna num bosque longínquo” da imagem de Lorca.

Mas essa execução do poema que [...]

(p. 19)

verdadeiramente o constitui pode talvez — e deve — entender-se também num outro sentido, que lhe garante a projecção e a duração. Pois se o poema é feito pelo poeta, e só por ele, decerto, num momento preciso, em que mil circunstâncias insuspeitadamente colaboram, num momento só muito dificilmente determinável e explicável que o próprio poeta não poderia repetir nem reconstituir — como não podemos repetir um sonho ou sequer narrá-lo —, a verdade é que esse mesmo poema tem de ser *refeito* noutra plano, por cada pessoa que o lê ou o ouve, sob pena de tudo se passar como se tal poema não existisse. Grande poeta aquele que nos leva ao reencontro do que no fundo de nós já

conhecíamos sem que pudéssemos exprimi-lo. Poeta maior aquele que, além disso, em nós acorda outras forças que em nós mesmos desconhecíamos, os universos mais que Proust queria encontrar em toda a parte.

Mas que difícil é, muitas vezes, entender essas palavras que só desejam, no fundo, ser entendidas, essas palavras que se foram despegando do rumor indistinto dos nossos próprios passos, e depurando, e re-inventando, até dizerem apenas o essencial do momento, da face, da necessidade de que emergiram, da nossa mesma necessidade que até então se desconhecia e antes da qual éramos na verdade tão pouco do que realmente somos! Nem sempre é fácil reconhecê-las, enfim, iluminadas por dentro, já tão diferentes de quando jaziam nos dicionários, já tão inegavelmente outras que por elas o nosso universo se acrescenta, se enriquece e gratamente se abre ao sol interior da grandeza e da dignidade de ser homem.

Maiakoveski acha possível *organizar* a compreensão da poesia. E, a propósito da obscuridade de Gôngora, que a ele lhe parecia clareza (“Yo creo que peca de luminoso”), afirmava Lorca que, para vê-lo assim, era necessário uma iniciação e ter “uma sensibilidade preparada por leituras e experiências”. Não é o que diremos de toda a arte? Entre essas experiências, certamente muitas e certamente muito variadas, os recitais têm uma importância que não será nunca suficientemente sublinhada. E o declamador — a quem se exige cultura, sensibilidade, longo convívio com o poeta que declama e o amor de servi-lo — tem uma função tão delicada que tanto pode prestar os melhores serviços á poesia e ao público que para ela deseja conquistar como deitar tudo a perder. Tê-lo-ão compreendido alguns dos nossos melhores declamadores que sobem a um estrado — honra lhes seja — para revelar a poesia a tantas pessoas que, pelas razões mais diferentes, estão ainda do lado em que tudo isto se afigura uma zona mais ou menos delirante, ou fútil, ou, na melhor das hipóteses, dispensável! Para *provar*, pela própria poesia, que esse mundo estranho é, afinal, de todos nós e nada tem de delirante, nem de fútil, nem, muito menos, de dispensável!

Como isso é difícil e perigoso! E como as melhores intenções podem falhar, se quem vem a público encarnar o poeta, declamando-lhe os versos, se quem vem tentar que a tal execução do poema — que é o poema — seja refeita por quem o ouve, começa por não ter penetrado no íntimo segredo desses versos e por não se ter esforçado por entender *por dentro* aquilo mesmo que declama! Pobres palavras, então, baças, desprovidas da iluminação

interior de que o poeta as dotou, esbatidas, atropeladas, devolvidas á opacidade insignificante que têm nos dicionários! Que uma imagem, uma assonância, um adjetivo, um advérbio, um espaço em branco, encontrados depois de mil tentativas, de mil buscas, de mil desistências e recomeços, sejam desprezados, malbaratados ou apenas ignorados por quem deveria fazer reviver o poeta perante um publico que o ama ou quereria amá-lo; que se dê a poesias profundamente marcadas pelo mais doloroso pessimismo e pela amarga ironia sobre o próprio destino do autor uma interpretação toda risos, com recorte anedótico, ou se leiam atropeladamente tantos versos que exigiam lentidão e transparência; que se tratem as palavras de um poema ("Tu, palavra de poesia / Só tu, humana e perfeita!") como elementos de encher "versos" e como simples pretexto para trágicas sacudidelas de cabeça e gestos largos quase sempre fora de propósito – haverá maior desolação?

Ter-se-á perdido inteiramente a lição de uma Manuela Porto, que tão demoradamente estudava os poemas que dizia, verso a verso, palavra a palavra, os desmontava e recompunha inteligentemente, amorosamente, até descobrir o segredo de cada um deles e de cada uma delas e encontrar a graduação interior da chama que as liga ou as separa, as corta a meio ou as prolonga, as torna dura como pedras ou transparentes e impalpáveis como um halo que tudo envolve e, envolvendo, liberta? Não há já quem se lembre de como ela dizia certos passos da "Ode Marítima" – que preparou durante sete meses – ou dos minutos de exaltante encantamento que fez do "Quase" de Sá Carneiro? Ignora-se o que é preciso para lá chegar?

Alegremo-nos com o facto de actores e actrizes, profissionais ou amadores, se disporem a vir trazer ao grande publico a produção, na verdade, ainda pouco conhecida dos nossos poetas modernos. Mas esperemos que, além da sua excelente intenção, a maioria deles se disponha a aceitar que a poesia não se representa, que a poesia se “diz”. E que, para dizê-la, é preciso, antes de tudo, compreender — humildemente compreender — que, em poesia, as palavras não são pretexto par[a] gestos, para bonitos sorrisos ou esgares atormentados, para efeitos cénicos. Que se trata de uma linguagem particular, em que cada palavra, interiormente iluminada, irradia uma luz indispensável sobre todas as outras, que cada palavra tem ali uma função precisa e um poder decisivo, nessa singular, maravilhosa caminhada — ou nesse voo — “plus bas que ne descend la sonde”.

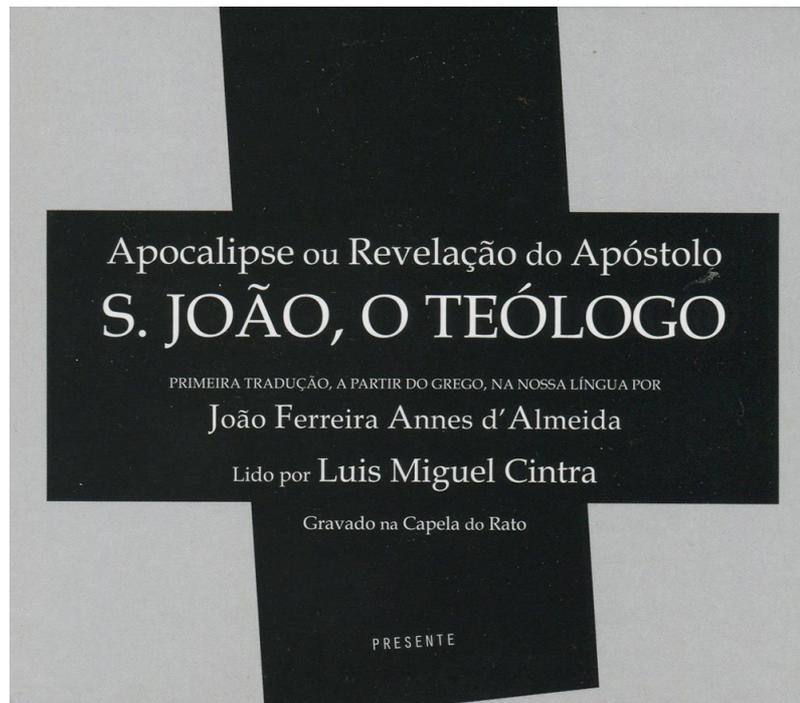
MÁRIO DIONÍSIO

JOSÉ TOLENTINO MENDONÇA

A Bíblia como leitura – Apocalipse ou Revelação do Apóstolo S. João, O Teólogo

texto de apresentação para o lançamento da edição do CD lido por Luís Miguel Cintra

9 de Setembro de 2011, Teatro da Cornucópia, Lisboa



Durante os últimos dois anos, temos ensaiado com Luís Miguel Cintra (e tenho de dizer, temos contado com a generosidade absolutamente invulgar de Luís Miguel Cintra) para um projecto de leitura integral de alguns livros bíblicos, muito perto daqui, na Capela do Rato. As comunidades cristãs têm um contacto permanente com esses livros, mas um contacto adaptado ao contexto da liturgia: lêem-se e comentam-se, de cada vez, apenas pequenas fracções textuais, e leva-se, por exemplo, um ano para ler um livro. É uma experiência humana curiosa, esta leitura sem pressas, esquecida muitas vezes dos fios da narrativa, para se prender melhor, e por vezes, para prender-se quase unicamente aos fios invisíveis de uma escuta espiritual e comunitária. Mas tem também limites óbvios se se deixar ficar simplesmente por aí. Sacraliza-se tanto os livros sagrados que se esquece que eles são também livros (e que, precisamente, na sua profanidade rasurante, naquilo que os aproxima indistintamente de qualquer texto se joga também a possibilidade de colher, ou de ao menos entrever, o que faz deles sagrados).

Um texto sagrado não é um texto intocável. A leitura deve operar sobre o texto, desconstruindo-o e recompondo-o. É impossível accionar o processo interactivo sem o manuseio. A voz, os acentos, os sentidos, a cadência rítmica tornam-se procedimentos hermenêuticos relevantes para «apreciarmos o plural de que o texto é feito». A leitura não é só leitura, mas rasgão, espanto, audição, respeito e despeito, entrar e ficar à porta, continuar e recriar. Só desse modo se pode entender o que o último dos Padres da Igreja do Ocidente, Gregório Magno, deixou escrito nas suas Homilias ao Livro de Ezequiel: *Scriptura cum legentibus crescit*, «A Escritura cresce com os quem a lêem».

A palavra Bíblia é relativamente recente para definir o corpus literário sagrado. Durante séculos ele chamou-se *Miqra* (termo hebraico para leitura comunitária e em alta voz). Quer dizer: A Bíblia foi leitura antes de ser livro. E nela persistem marcas dessa gestação oral, puramente sonora; dessa recitação ininterrupta, por gerações. Foi nessa espécie de conversa humana que a leitura é, que ela se organizou como laboratório de linguagens, máquina de proliferação de ritmos, câmara de ecos, montanha santa de paradoxos, palimpsesto, emaranhado, sobreposição experimental de signos e de relatos, súmula, vibração polifónica, *work in progress* e Revelação. O que a Bíblia é só a leitura o mostra. A partir dos III^o e II^o séculos a.c. (quando na Alexandria helenística se compôs a tradução grega chamada dos LXX ou Septuaginta), é que o corpus bíblico passou a ser chamado *ta biblia* («os livros»). Mas diz o Talmud que os anjos choraram nesse dia.

Luis Miguel Cintra lê para consolar esses anjos.

José Tolentino Mendonça

Texto e video em linha [páginas web].

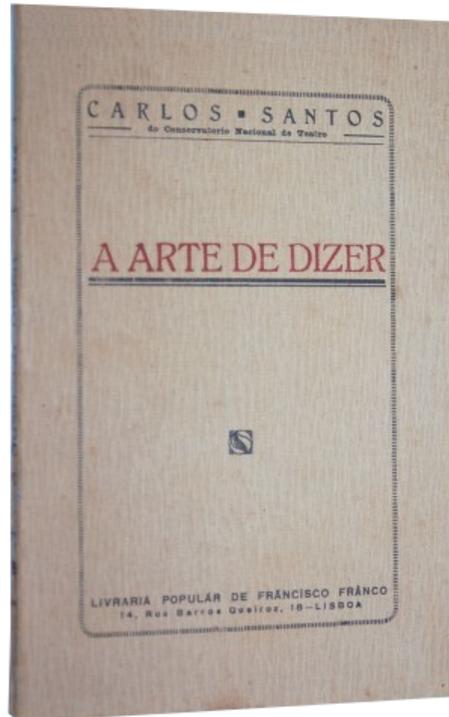
Texto: Presente, 2014. Série Livros com CD por Luís Miguel Cintra. Disponível em linha em WWW <URL: <http://www.presente.pt/ApocalipseB.html>>. [Consultado a 3 de Agosto de 2014].

Video: Youtube – Luís Dias, 2011. Disponível em linha em WWW <URL: <https://www.youtube.com/watch?v=6rocYcIakol>>. [Consultado a 3 de Agosto de 2014].

CARLOS SANTOS

Excertos de A Arte de Dizer

Lisboa: Livraria Popular de Francisco Franco, s. d. [1929]



[p. 7]

A Arte de dizer

O livro que apresentamos afigura-se-nos que vem preencher uma lacuna no ensino da cadeira da *Arte de dizer*, do *Conservatorio Nacional de Teatro*.

Desaparecido do mercado livresco o *Manual da Arte de dizer*, verdadeira Bíblia do comediante, da autoria do saudoso homem de teatro e erudito professor desta Escola, José Antonio Moniz, pareceu-nos de valioso auxílio, e até mesmo indispensavel, este volume rudimentar onde os alunos da cadeira da *Arte de dizer* venham socorrer-se dos principios basilares que fundamentam, explicam e que devem acompanhar as lições praticas do respectivo professor. [...]

[p. 8]

Este nosso livro, para facil aprendizagem dos alunos, e dalgum apaixonado — a quem o assunto mereça, porventura, especial curiosidade — limita-se, apenas, a modestos apontamentos, num resumo sumario onde trataremos de condensar as teorias fundamentais da *Arte de dizer*. [...]

A materia deste livro — ou, para melhor dizer, destes apontamentos — foi recrutada das lições dalguns tratadistas, especializados no assunto, dos conhecimentos que a nossa vida de teatro nos tem facultado, grande parte tambem inspirada na observação directa dos grandes mestres da scena e colhida, por vezes, na experiencia que nos tem vindo das nossas lições durante a regencia da cadeira que, ha tempo, leccionamos no *Conservatorio Nacional de Teatro*.

[p. 33]

Capítulo III Pronuniação

Pronunciar: É dizer com harmonia e correção a palavra falada.

Nestes termos, para pronunciar com pureza, é indispensavel não desvirtuar o som das vogaes, não abreviar as que forem longas, não alongar as que fôrem breves, respeitar todos os acentos, não criar outros arbitrariamente, numa palavra, subordinarmo-nos, a despeito das nossas predileções, ás regras estabelecidas em materia de boa pronuncia, aproximando-as das que estão aconselhadas pelo uso, mas preferindo, no entanto, em caso de duvida, um pronuncia que vá de encontro ás regras, a uma que lhe seja rigorosamente conforme, mas que disperte o sorriso do auditorio.

Dissémos estabelecidas pelo uso porque,

[p. 34]

de facto, o uso, não poucas vezes, ultrapassa todas as regras. [...]

[p. 35]

De facto, a regra de todas regras é, antes de mais nada, agradar e [...] é sempre preferível pronunciar de encontro às regras, do que pronunciar de forma a suscitar o ridículo, respeitando-as.

Devemos ter sempre a preocupação de aproximarmos a regra daquilo que estiver estabelecido pelo uso, isto é, da maneira por que pronunciam na capital a maior parte das pessoas cultas e de boa sociedade.

“Uma das principais regras da pronuncia é o respeito absoluto pela acentuação. A maior parte das pronuncias viciosas provem duma deslocação ou duma supressão de acentuação ou ainda de uma acentuação colocada arbitrariamente.

Deveremos ter sempre o cuidado de nunca suprimir a acentuação, nem colocá-la nas sílabas mudas, e também ter todo o escrupulo em não criar acentuações viciosas. É opinião aceita, na atual sciencia filologica, que não podemos considerar errado o modo de pronunciar rustico ou popular de cada provincia, pois

[p. 36]

que aos habitantes dessas localidades assiste direito igual ao que têm os dos grandes centros de população para usarem a linguagem a que, convencionalmente, chamam culta. [...]

[p. 37]

Convem não esquecer que ha varios defeitos varios pronunciação para os quaes tambem ha processos de travar ou corrigir.

São êles:

1º - Nazalação constante ou accidental.

2º - Falar tataro (vulgo, tátibitáte), ou troca de certas articulações.

3º - Falar cioso.

4º - O balbuciar.

5º - Precipitação.

Para estes defeitos, ou vicios de pronunciação, o professor, nas suas lições praticas, terá o ensejo de indicar os processos conhecidos para a sua correção.

[p. 39]

Capítulo IV Articulação (39-41)

Articulação: É a pronúncia clara e distinta das sílabas que constituem as palavras.

Para que a ditação resulte correta é indispensável articular as palavras, em termos que elas cheguem nitidamente aos ouvidos daqueles que nos escutam.

O público é, por sua natureza, preguiçoso e, portanto, a preocupação dominante de quem diz um trecho deverá consistir em poupar-lhe o mais pequeno esforço cerebral. O trabalho da articulação consiste em pôr em evidência o valor de cada sílaba com exceção, bem entendido, das que fôrem mudas, no martelar expressivo das palavras, em oposição manifesta ao defeito muito prejudicial da sua precipitação. Convém, no entanto, acentuar que cada sílaba

[p. 40]

deverá ser articulada de forma diferente, porque, de contrário, as palavras perderiam depressa a côr e o sentido próprios, donde uma ditação monotona e, portanto, inexpressiva.

É sobre as sílabas finais que nos devemos apoiar com toda a nitidez porque elas são, por assim dizer, o ponto luminoso da palavra.

A articulação representa na ditação um papel importantíssimo, de tal valor que ela só por si dá a clareza, a energia, a paixão, a veemência.

Ela pode, pelo seu poder expressivo, encobrir as deficiências duma voz fraca e até mesmo defeituosa.

Uma voz fraca, que articule com precisão e nitidez, é preferível a uma voz forte e sonora que articule desastrosamente.

Para bem articular é indispensavel conhecer todos os verdadeiros sons das vozes, os valores das consoantes, as elisões, a quantidade das silabas, colocar a acentuação no lugar que lhe compete, reforçar ou atenuar determinadas letras.

Como muito bem diz Dupont Vernon, ha em dição apenas uma coisa que leva vantagem á voz: é a articulação. Com boa articulação, ainda que com pouca voz, pode-se dizer primoro-

[p. 41]

samente. Com uma boa voz, mas sem uma boa articulação, não ha dição que preste.

A ariculação merece do actor um estudo completo. Ela é ao mesmo tempo o a,b,c e o ponto culminante da arte de dizer. Antes de abordar a carreira do teatro é indispensavel aprendê-la, da mesma forma que as creanças aprendem a cibilidade, porque a articulação é a cortezia dos comediantes, assim como a pontualidade é a cortezia dos reis.

Dizemos cortezia porque, quando nos dirigimos ao publico, é preciso, fazermo-nos compreender, o que só se consegue articulando com toda a nitidez. Um teatro não é uma sala. Não podemos, por isso, dirigirmo-nos a muitas centenas de ouvintes como quem fala com alguns amigos á mesa dum café.

Se não articularmos as palavras com toda a nitidez ninguém nos prestará a atenção devida e tão pouco nos compreenderá.

[p. 55]

Capítulo VIII

Construção correta (55-59)

A arte de construir corretamente consiste em agrupar as palavras numa frase dentro numa certa ordem e em fazer, a seu tempo, as pausas respectivas.

Tratemos agora das pausas na leitura em voz alta e de examinar: 1º quando se devem fazer; 2º como devem ser empregadas.

O habito das creanças, e de muitos adultos, é não saberem fazer as pausas durante uma leitura. Lêem sem interrupção, dum jacto, enquanto lhes dura o folego, suspebdem a leitura quando este acaba, muitas vezes a meio duma fraze e outras até no meio duma palavra. É absolutamente indispensavel seguir uma outra orientação. Uma pausa deve sempre fazer-se quando se nos depara um si-

[p. 56]

nal qualquer de pontuação, é mesmo indispensavel fazer-se a seguir a alguns dos referidos sinaes como, por exemplo, depois do ponto e vírgula e do ponto final. Depois de dois pontos, raras vezes se faz uma pausa.

A pontuação duma frase servir-nos-á de guia precioso para fazermos, dentro dela, as pausas respectivas, mas é tambem algumas vezes um guia insuficiente e até, em certos casos, um tanto perigoso.

De facto, é muito raro depararmos com uma virgula depois do sujeito da oração principal, salvo o caso em que ao sujeito se siga imediatamente uma frase incidente.

Devemos, portanto, fazer sempre uma pausa depois de havermos enunciado o sujeito. Essa pausa torna-se absolutamente indispensavel quando, depois do sujeito, depararmos com uma inversão.

Em geral, é á oração principal, aquela a que se deve dar mais valor.

A oração subordinada tem, ás vezes, um valor igual ou superior, ao da oração principal.

A incidente determinativa tem quasi sempre um valor secundario em relação á principal ou á subordinada.

[p. 57]

A incidente explicativa tem sempre menos valor que as outras orações.

O atributo é, em geral, a palavra de valor.

O adverbio, em geral, quando complementa a ideia atributiva, converte-se em palavra de valor.

O qualificativo tem, quasi sempre, mais valor que a palavra que qualifica.

A interjeição tem sempre um grande valor e marca a inflexão da oração que se lhe segue.

A conjunção tem muitas vezes um grande valor.

Nunca se devem separar duas palavras que estão ligadas pelo mesmo sentido.

Nunca se devem reunir duas palavras separadas por sentidos diversos.

Nunca se deve dar a mesma entoação a dois pensamentos diferentes.

Devem separar-se e dizer num tom de voz diferente os complementos explicativos e as incidentes explicativas.

Deve-se sempre fazer uma pausa antes de cada inversão e ligar rapidamente as palavras ligadas desse modo áquelas que se lhe seguem.

Em geral, deve fazer-se uma pausa entre cada oração.

Depois do sujeito, deve-se, em geral, fazer uma pausa, salvo o caso de a oração ser curta,

[p. 58]

e, principalmente, quando esse sujeito não tem complemento.

Nunca se deve parar depois do sujeito, quando este seja um promome.

O complemento circunstancial deve, em geral, destacar-se do resto da frase.

A oração principal e a subordinada enunciam-se dum jacto se a principal fôr curta.

Na enumeração das palavras ou das orações, deve-se fazer uma pausa antes de cada termo da enumeração e acentuar-se cada termo regularmente, á medida que se faz essa enumeração.

Se esta fôr muito comprida, marcar-se.á essa acentuação até um determinado ponto, para recomeçá-la suavemente e acentuar, pouco a pouco, cada termo até alcançar o ultimo.

Quando duas orações estão ligadas por uma conjunção, em vez de estarem separadas pela pontuação, deve-se fazer uma pausa antes da conjunção.

Quando uma palavra se repete muitas vezes, deve-se acentuá-la gradualmente. As palavras que servem de termos de comparação devem acentuar-se sempre com força e desta-

[p. 59]

cá-las das orações dentro das quaes estão encerradas.

Para dar mais clareza á frase, sempre que fôr possível, deve-se fazer uma pausa, respirar francamente para evitar a fadiga e facilitar ao auditorio a compreensão do texto.

Na leitura de versos, nunca se deve parar no fim de cada um, nem no seu hemistiquio, a não ser que a pontuação ou o sentido imponham essa pausa.

Na leitura de qualquer trêcho, deveremos preocupar-nos, antes de mais nada, com o sentido da frase.

Se fôr poesia, nunca deveremos fazer sentir que são versos que se lêem ou recitam, mas tambem deveremos ter o escrupuloso cuidado de não acentuar demasiadamente o contrario.

Sem martelar excessivamente as rimas, sem partir o verso, poderemos sempre conservar-lhe a sua harmonia.

MARIA BARROSO

prefácio

Os Poemas da Minha Vida

Lisboa, Porto: Público, 2006. Série *Os Poemas da Minha Vida* nº 12.



A poesia foi sempre para mim — desde muito cedo — um motivo de encantamento.

Ainda nos primeiros anos do liceu lia e decorava poemas, repetindo-os em voz alta, inebriando-me com o ritmo e musicalidade dos versos, encantando-me com a beleza das imagens que os poetas tecem de uma maneira privilegiada e imensamente impressiva.

Tão fortemente me impressionavam que, muitas vezes, para exprimir os meus sentimentos, os meus estados de alma, me identificava com eles e me servia dos versos em que o poeta exprimia os seus próprios sentimentos e estados de alma correspondentes aos meus.

E ainda hoje o faço. São, pois, Camões, Pessoa, José Régio e tantos outros que me acodem constantemente à lembrança e me facilitam a expressão do que sinto.

Foi esse gosto pela poesia que me levou a frequentar o Conservatório, aconselhado por um grande actor português — Assis Pacheco — a quem me apresentaram para que me ouvisse. E o seu julgamento e conselho levaram o meu Pai a consentir a minha inscrição no Curso de Arte Dramática do Conservatório.

Lá aprendi, com alguns admiráveis professores — como era o caso de Carlos Santos, Assis Pacheco e Alves da Cunha — a melhor trabalhar a minha voz, a melhor entender ritmos e a perceber a maior ou menor importância de certas expressões.

Assim descobri os grandes poetas que, desde os trovadorescos até aos do século XX, foram enriquecendo a história da nossa literatura e enriquecendo-me, jovem sempre deslumbrada com a descoberta de cada um deles.

Mais tarde, quando entrei para o Teatro Nacional e para a velha Faculdade de Letras tive a felicidade de encontrar e fazer amizade com vários poetas, como era o caso dos meus colegas Sebastião da Gama, Matilde Rosa Araújo e David Mourão-Ferreira, por exemplo. Esse contacto reforçou o meu gosto pela poesia, que foi ainda crescendo mais quando convivi com outros mais velhos e já consagrados.

Sobretudo os do *Novo Cancioneiro* — “poetas solidários com o destino dos homens, dos países e dos povos” —, que faziam “poesia de intervenção, de resistência, poesia de propaganda, poesia política”, no dizer de Joaquim Namorado.

“Os poetas do *Novo Cancioneiro* deram ao social um lugar eminente que não lhe tinha sido concedido pelos seus predecessores” (Jean-Paul Sarrault referia-se aos poetas da *Presença*).

Preocupada que andava com os problemas do país resultantes do regime ditatorial que o dominava, esses poetas emprestavam-me as palavras com que eu dizia da minha dor e indignação. E fomos amigos — meu marido e eu — de quase todos eles.

Com o Fernando Lopes Graça e o Coro da Academia dos Amadores de Música percorri vários pontos do país — em Associações de Estudantes e, sobretudo, Operárias —, levando a mensagem humana e inconformada destes poetas.

Claro que alguns — como era o caso de José Gomes Ferreira, do Armindo Rodrigues e depois do Manuel Alegre — não se inscreviam nessa corrente de poesia, mas a sua poesia era igualmente de resistência e de intervenção.

Foram de todos eles os poemas que inspiraram ou iluminaram uma parte da minha vida.

Claro que os anteriores nunca saíram da minha lembrança e continuaram a conviver comigo. Tal como alguns estrangeiros que estavam muitas vezes presentes nos meus recitais.

Todos eles me deslumbraram (mais uns, menos outros, obviamente) e todos eles me enriqueceram, simples cidadã que sempre fui e me movi na busca do belo e do bom como alimentos para a minha alma. E os poetas deram-mos generosamente.

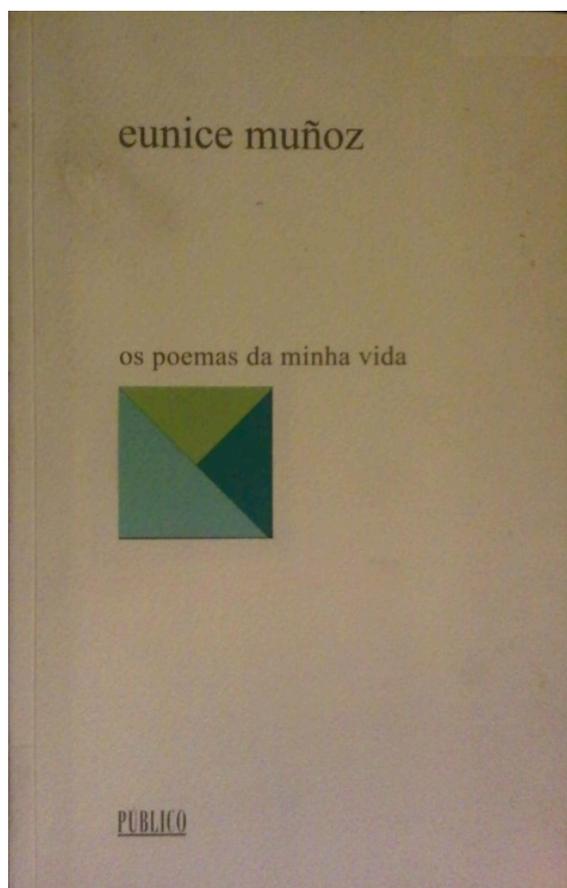
Maria Barroso

EUNICE MUÑOZ

os poemas a que mais vezes dei a minha voz

Prefácio de *Os Poemas da Minha Vida*

Lisboa, Porto: Público, 2006. Série *Os Poemas da Minha Vida* nº 13.



Desde os tempos do Conservatório, onde ingressei com catorze anos, que leio e digo poesia. A uma actriz é exigida uma dicção que implica a sinceridade artística de simular as tonalidades mais expressivas e subtis da fala humana. E isso só se aprende e exercita com a dicção correcta de textos poéticos, nos quais, por sua vez, o poeta adoptou, como modelo, a mesma fala humana, a fim de interiorizar o seu próprio ritmo e colocar os acentos conforme à prosódia da sua língua-mãe.

Por palavras mais simples: o melhor método de estudar as várias maneiras de falar é, não apenas saber ouvir os outros, mas também saber pronunciar o que dizem os poetas, porque eles constituem os melhores escrutadores do que, no discurso efémero da maioria das conversas, ganha direitos de perenidade.

Isto que agora escrevo, embora desde sempre o soubesse, só se tornou nítido e consciente quando, em 1968, efectuei uma leitura, na livraria Buchholz, da poesia do grande poeta António Maria Lisboa. Um início revelador do *Erro Próprio* e auspicioso. Recitais, leituras e discos, a partir desta primeira experiência, multiplicaram-se.

Não figuram, nesta antologia, todos os poemas da minha vida. Nem o espaço o permitiria. Deixei para trás no tempo os Cancioneiros e Sá de Miranda; e, chegada a Camões, dei um grande salto para João de Deus. Ao critério da escolha presidiu a paixão, que privilegia os textos a que muitas vezes dei a minha voz, mas não exclusivamente, pois outros haverá que disse só para mim.

GERMANA TÂNGER

Maria Ramos Silva - Entrevista a Germana Tânger: “Os poetas nunca são de um governo”

Jornal i, em 12 Abr 2013.



A encenadora foi uma entre cinco “Mulheres Criadoras de Cultura” distinguidas esta semana pelo Plano Nacional para a Igualdade

Recebe-nos com “uns certos anos”. São 93 de simpatia e humor e de gosto pelos cigarros que hão-de acompanhar a antiga professora de dicção ao centenário, pela música clássica que se escapa do rádio, pela gata Picota, que se esmera nas poses, e pela poesia, claro. Germana Tânger disse muitos versos e fez outros tantos amigos, como Almada Negreiros, que lhe ofereceu um quadro com uma das suas frases preferidas: “Chegar a cada instante pela primeira vez”. Seguimos com “a poeta dos poetas”, como lhe chamou Cesariny, entre café e bolachinhas. As perguntas começaram com ela:

Germana Tânger - Isto para que é?

Maria Ramos Silva - É o gravador, que eu não tenho uma memória como a da Germana.

Germana Tânger - Ah. [risos]

Maria Ramos Silva - Ainda sabe os poemas todos de cor?

Germana Tânger - É uma coisa de há muitos anos. Não tem nada de especial. Eu só faço o que me apaixonava. De modo que a coisa está bem fixa.

Maria Ramos Silva - Quando é que começou às voltas com a poesia?

Germana Tânger - Acabei o curso de liceu e era para ir para a faculdade, mas apaixonei-me pelo teatro. A minha mãe, coitadinha, naquela altura - porque eu tenho uns certos anos - achava o teatro um horror. Para lhe fazer a vontade fui para o conservatório. Quer dizer, primeiro fui trabalhar, depois é que me convidaram para o teatro.

Maria Ramos Silva - Convidaram-na?

Germana Tânger - Porque dizia poemas e tal. Estava muito ligada ao teatro, gostava muito. Depois convidaram-me para dar a cadeira de dicção no conservatório. Estive 25 anos e gostei imenso. Ainda hoje tenho grandes amigos.

Maria Ramos Silva - Antigos alunos?

Germana Tânger - Sim, como João Grosso, a Alexandra Lencastre também foi minha aluna; a Teresa Lima, que estou convencida que vai seguir o meu trabalho também. Eu agora é que já não dou aulas.

Maria Ramos Silva - Procuravam a cadeira de dicção para outras áreas que não o teatro?

Germana Tânger - Dicção era o teatro. Mas devo dizer que quando fizeram o meu curriculum se esqueceram de pôr coisas muito importantes.

Maria Ramos Silva - Por exemplo?

Germana Tânger - Fui a primeira pessoa a fazer som e luz em Portugal. Estava perto do 10 de Julho e fui ter com a Philips. Havia um senhor muito simpático que percebia muito daquilo e que me ajudou muito. Ele fazia a parte das luzes e eu escrevia. Depois Sintra apaixonou-se pela ideia. Foram três verões em que pus o som e a luz no palácio de Sintra. A câmara facilitou-nos e aí o meu grande companheiro foi o Orlando Worm nas luzes. Era muito sabedor.

Maria Ramos Silva - Correu o país como divulgadora de poesia.

Germana Tânger - Ah, isso até foi antes. Havia uma coisa chamada Pró Arte, que tinha um núcleo que se interessava. Fui a Portugal inteiro e ao estrangeiro. Deixei amigos por toda a parte. Mas sabe, eu vivi demais e muitos já morreram. Por exemplo, o João de Freitas Branco, que me levou a Macau. Lá ia. Mas lá tive uma decepção enorme, quase ninguém falava português. Disse muitos poetas e tive grandes amigos poetas. Olhe, o José Régio, o Jorge de Sena. Todos eles.

Maria Ramos Silva - Como os conheceu?

Germana Tânger - Através da poesia. O Almada foi um grande amigo. Está ali escrito por ele: “Chegar a cada instante pela primeira vez”. Eu gostava muito dessa frase e ofereceu-me escrita. Foi muito engraçado. O meu marido era muito ligado aos temas culturais e um dia no Chiado disse-me: “Sabes onde vamos hoje à noite? A casa do Almada”. Para mim o Almada era assim um símbolo. Eu estava nervosíssima. Depois ele disse-me: “Eu sei que você diz versos”. Eu estava a trabalhar “O Corvo” do Edgar Poe, traduzido por Pessoa, e digo-o. Ficámos muito amigos. Tudo o que fazia chamava-me para colaborar. Foi uma vida muito cheia.

Maria Ramos Silva - O “dizer versos”. Sei que não gosta da palavra declamar.

Germana Tânger - Pois, eu não declamo. Sou contra a declamação. Eu digo. A gente deve sentir o que diz, sentir o poeta.

Maria Ramos Silva - Por isso os memoriza também?

Germana Tânger - Pois é. E graças a Deus sempre tive o carinho dos poetas. O Cesariny escreveu-me uma dedicatória num livro que eu achei piada: “À poeta dos poetas”. Disse a “Toada de Portalegre” em Portalegre. Fiquei muito amiga do José Régio. Ele até esteve mal e um dia quando estava farto do hospital disse-me para arranjarmos um almoço. Convidou um casal amigo e fomos os quatro almoçar a Alfama. Ele queria uma feijoada, para se libertar da comida do hospital.

Maria Ramos Silva - Alguma vez os amigos poetas reclamaram da forma como dizia os poemas?

Germana Tânger - Não. Só na televisão, quando disse parte da “Ode Marítima”. Uma pessoa qualquer é que me ligou a perguntar porque é que chateava o público com aquilo. Não devia perceber nada de nada. Fui a primeira pessoa a dizer a “Ode Marítima”

Maria Ramos Silva - Em que ano?

Germana Tânger - Isso não me lembro, para números sou uma aselha.

Maria Ramos Silva - É com a Ode que se despede em 99 no Teatro da Trindade.

Germana Tânger - Ah, foi a despedida, sim. Pedi ao João Grosso para dizer a parte mais dura e o resto foi comigo. Lá está a lápide na Trindade. No outro dia convidaram-me para a inauguração de uma lápide no Nacional. Sofro do coração e estive péssima. Tanto que a minha voz já não é a mesma. Está enrouquecida.

Maria Ramos Silva - Hoje ainda lhe pedem para dizer algo, pontualmente?

Germana Tânger - Sim, mas só entre amigos. Nas homenagens, como a desta semana, estou muda. [risos]

Maria Ramos Silva - Como correu a cerimónia?

Germana Tânger - Foi muito simples e muito simpática. Gostei muito. Vou mostrar-vos o estojo. [trazem-no à mesa] Ofereceram-me este presente e houve vários retratos. É muito bonito. Não serve para nada mas é lindo [risos]. Não querem um cafezinho?

Maria Ramos Silva - Aceitamos. E cuidados com a sua voz?

Germana Tânger - A minha voz era natural. Não fazia nada de especial. A voz é que era especial. Tudo corria bem.

Maria Ramos Silva - Continua a fumar.

Germana Tânger - Fumo e se chegar aos 100 anos hei-de fumar. Fumo uns cigarros muito leves. Faço o possível para não engolir o fumo.

Maria Ramos Silva - Como foram os primeiros anos destes quase 100?

Germana Tânger - Em Lisboa. Fiquei sem pai aos nove anos. A minha mãe tinha grandes dificuldades. Um primo meu, Mariano de Carvalho, levou-me pela mão à Sacor. Fiquei ali sem perceber nada de escritórios. Aí estive dez anos. Olhe, ainda tenho o relógio dos dez anos de trabalho. Quando morreu a Manuela Porto, desafiaram-me para secretária de uma revista e aí fiquei toda contente, porque já era mais dentro do meu trabalho. Estive na “Eva” três anos, comprava-se só no Natal. Fazia-a toda. Gostava muito de escrever. Ainda tenho uma peça na Sociedade de Escritores que ninguém sabe e não mostrei a ninguém. Encenei outras peças.

Maria Ramos Silva - Também foi actriz.

Germana Tânger - Fiz duas peças. Gostava tanto que de vez em quando convidavam-me mas era raro aceitar. Uma tia-avó minha foi a Virgínia Dias, de Torres Novas, que hoje dá nome ao teatro. A minha mãe tinha medo que eu seguisse a vida dela. Hoje todos vão para o teatro mas na altura era a ideia da perdição. Apesar de a Virgínia se ter casado. Havia o medo do desvio. Provem as bolachinhas que vão bem com o café.

Maria Ramos Silva - Obrigada. Quando é que se começou a rodear de livros?

Germana Tânger - Por exemplo, ouvia coisas do Régio. Gostava muito. Comecei a ver os livros e a apaixonar-me pelos poemas. Quando gostamos muito tudo é fácil. Estive em mudanças mas tenho para aí um dossiê cheio de coisas. Sabe que tive um programa na televisão durante dois anos.

Maria Ramos Silva - Sim, o “Ronda Poética”.

Germana Tânger - Isso tem uma história muito engraçada. Puseram-me a mim e ao Villaret todos empacotados, muito bem vestidos. Fiquei furiosa. Fui ao gabinete do director, que não conhecia, e pedi-lhe para não voltar a fazer isso. Parecemos palhaços. Pedi-lhe para me dar uma mesa e uma cadeira que eu dizia as coisas. Assim foi durante dois anos.

Maria Ramos Silva - Não precisava de grandes acessórios para dizer poesia.

Germana Tânger - Não, queria era uma mesinha e uma cadeira. O resto era conversar, sem grandes parlapiés. Sempre gostei das coisas simples. Agora, que temos um grande património na poesia portuguesa, temos.

Maria Ramos Silva - Houve algum poema que não tenha conseguido dizer, por algum motivo?

Germana Tânger - Não, então se eu até disse a “Ode Marítima”. Só não consigo dizer poemas quando são maus poemas. Má poesia não leio.

Maria Ramos Silva - Recebeu aulas em Paris. Como foi essa fase?

Germana Tânger - O meu marido foi convidado para ser professor em Paris; era um grande latinista, até substituiu o professor da Sorbonne. Eu acompanhei-o. Já tinha o meu filho com três anos. Tirei lá o especialidade de dicção, com um método do professor que até traduzi para os meus alunos.

Maria Ramos Silva - Como era o método?

Germana Tânger - O primeiro ano era só técnica; respiração e etc. Os meus alunos estavam proibidos de dizer em público no primeiro ano, mas houve dois que não resistiram. Foram para o Nacional e deixaram-nos entrar, como alunos do conservatório. Eu não fui ouvir; estava tão nervosa. A subir o Chiado encontrei o Almada que me disse que vinha do Nacional. “Os seus alunos estavam muito entretidos um com o outro. Nós é que não ouvíamos nada.”

Maria Ramos Silva - Deu-lhes um raspanete?

Germana Tânger - Não, contei-lhe o que o Almada me tinha dito. Nunca dei um raspanete, nem pus um aluno fora da aula. Eram todos amigos. Aluno que entrasse na minha aula para mim era um aluno. Ainda me apareceram dois na homenagem dos Jerónimos.

Maria Ramos Silva - Que regras recomendava nas suas aulas?

Germana Tânger - Primeiro, a descontração, a autoconfiança, que é muito importante. Depois vem a articulação, o estender a voz. Quando acabavam o curso estavam prontos. Alguns já podiam dizer a partir do segundo ano. Recebia-os em casa também, para trabalharmos ainda mais.

Maria Ramos Silva - Era aqui que os recebia?

Germana Tânger - Noutro sítio. Só estou aqui há três anos. Estive quarenta anos no Largo de São Carlos, mas iam deitar a casa abaixo para fazer apartamentos.

Maria Ramos Silva - Vizinha do berço de Pessoa.

Germana Tânger - Era. Apaixonei-me por Pessoa muito por contributo do meu marido, que me ajudou muito na carreira. Mas sabe que hoje estou mais apaixonada pelo Sá Carneiro que pelo Pessoa. É um poeta espantoso. Portugal não tem grandes prosadores ou desenhadores, tem uns poucos, mas a poesia é um grande património.

Maria Ramos Silva - Consegue eleger só um favorito?

Germana Tânger - Gosto muito da poesia moderna. E quero ver se ainda consigo que a câmara municipal faça uma grande homenagem ao Sá Carneiro. É muito desconhecido. Julgam sempre que é o político [risos]. Matou-se muito cedo.

Maria Ramos Silva - Celebram-se agora os 120 anos do nascimento do seu amigo Almada.

Germana Tânger - É, e quando foram os 100 anos encenei uma peça, o “Nome de Guerra”.

Maria Ramos Silva - E atreveu-se a escrever poesia?

Germana Tânger - Muito pouco. Tenho um poema à Cecília Meireles. Tenho um livro para publicar mas não sei quando. É a contar a minha vida. Começa com as batalhas de Napoleão, de onde vem a família, imagine. Houve um francês que salvou três portugueses da morte. Depois foi morto pelos franceses, mais tarde homenageado com a cruz de guerra. A mulher estava grávida mas ficou tão abalada com a morte do marido que ficou em coma. Foi em coma que teve o filho, que não quis ser conde. A minha família descende desse rebento. D. Miguel até quis ser padrinho dele. Quis entrar nas forças portuguesas e era mais português que francês.

Maria Ramos Silva - Quando sai esse livro?

Germana Tânger - É que eu tenho uma letra horrível. A Sara Oliveira é que mo tem passado a computador, mas demora. Ainda me falta muita coisa. Não falei do meu filho, dos meus netos. Do meu filho tenho um retrato bom, quando entrou para a carreira diplomática. Dos três netos é que não encontro bons retratos.

Maria Ramos Silva - Computador, nem vê-lo.

Germana Tânger - Não uso nada. Não tenho telemóvel. Eu bem lhe perguntei o que era isto e afinal é um gravador [risos]. Usei-o uma vez na Ode Marítima. Pedi-o emprestado para me ajudar, na primeira vez.

Maria Ramos Silva - Gosta de se ouvir?

Germana Tânger - Sim, tinha uma voz muito bonita, sobretudo expressiva. Eu não dizia os poemas a fazer brilhar os poemas, mas sim a senti-los. Isso é que acho que foi o meu segredo. Daí a poeta dos poemas.

Maria Ramos Silva - Como passa os seus dias agora?

Germana Tânger - Ah filha, são uma chatice. Tenho que fazer repouso, repouso, repouso. Até tive que passar 45 dias no hospital, mas fiquei muito amiga do médico que me salvou.

Maria Ramos Silva - Levou poesia consigo?

Germana Tânger - As enfermeiras gostavam imenso porque eu de vez em quando dizia um poema. Agora ando mal e sou mandriona. Devia ir tratar-me mas olhe, tenho a minha cabecinha boa. Ora, gostei muito. Então eu vou sair em que jornal?

Maria Ramos Silva - No i.

Germana Tânger - É verdade. Sabe que o meu coração dispara como um cavalo quando ouço estas notícias de hoje. Uma vez estava tão triste que enviei um telegrama para uns amigos em França, assinado como “uma portuguesa do antigo Portugal”.

Maria Ramos Silva - Pode a poesia ajudar-nos nesta altura?

Germana Tânger - Não sei. Os poemas nunca são de um governo, estão sempre acima dele. E eu também.

JOÃO VILLARET

falando com Igrejas Caeiro: excertos referentes à arte de recitar

Entrevista transmitida pelo Rádio Clube Português na rubrica *Perfil do Artista*
em 15 de Julho de 1954



(06 min. 05 seg.)

João Villaret - [...] eu sou actor antes de mais nada. Essa parte minha de artista de *music-hall* e de recitador não são mais do que subdivisões de uma maternidade artística que é o actor. [...] Mas a coisa que mais me custa, e isso eu vou dizê-lo sinceramente como uma confissão — acho que estas entrevistas gostam muito de ouvir estas coisas, não é? — pois a coisa que mais me custa é ser chamado declamador. [...] Não sou! Eu acho que a coisa mais prejudicial que existe para um artista que diz versos, é chamarem-lhe declamador. [...] Mas, recitador, sim. Eu acho que todos os artistas têm a obrigação de saber recitar e de saber dizer versos, porque a dição é a base de uma arte que afinal de contas vive da palavra. Eu quando dou um recital, se às vezes me deixo transportar, se me deixo levar por aspectos teatrais, exagerados da questão, no fundo não é mais que sinceridade. E de que realmente que aquilo que se chama a aquilo que não nos pertence. Mas, dentro da medida do possível, eu tenho cada vez procurado mais depurar essa minha arte e libertá-la de excessos e de declamações. Torná-la íntima, torná-la humana, torná-la realmente cada vez mais próxima do coração das pessoas. E acho que não é aos gritos, nem a declamar que a gente consegue lá chegar.

Igrejas Caeiro – Acho que estás a dar um magnífico exemplo de auto-crítica, que não é vulgar. Realmente um actor que consegue chegar a essa conclusão e fazer a crítica de si próprio, atingiu uma altura na sua carreira que é muito de aplaudir. Verifico exactamente que estás no melhor caminho possível a conviver de forma clara com todos os êxitos obtidos. Parece-me, em todo o caso, que nunca houve exageros na tua forma de recitar, porque

naturalidade não quer dizer corriqueiro. Quando somos naturais, e tu sabes isso muito bem, não podemos esquecer a forma de interessar o público. E era essa aliás, e continua a ser com certeza, a tua forma: teatralizar a poesia de forma a entusiasmar e a criar emoção no auditório que tu...

João Villaret – Sim. O problema é muito difícil de resolver assim numa entrevista, porque ele tem-me preocupado muito e eu já estive até quase para deixar de recitar.

Igrejas Caeiro – Não acredito!

João Villaret – Palavra de honra! Porque primeiro a minha arte de recitar começou em recitais; e os recitais têm, como é que hei-de dizer?, têm uma freguesia. Há fregueses para recitais. Pessoas, gostadores de arte, gostadores de poesia, pessoas que gostam muito de ouvir realmente poemas, que às vezes adormecem nos livros e que não adquirem aquela outra dimensão que é a [...] voz humana. Paul Valery dizia que um poema só é realmente vivo no dia em que é recitado. Isto dá-se com muita poesia. Com outra, às vezes eu acho que não se lhe deve tocar por respeito, porque é tão íntima, tão pura, que eu às vezes acho... e de resto nos meus programas sempre procuro fazer isso — nunca exagerar a escolha. Eu vou directo aos poemas e aos poetas que eu acho que são recitáveis. Porque há muita alta e grande poesia que não é recitável. E então não lhe fazemos um serviço. Nem aos autores. Nem ao público de lha dar, porque podemos profaná-la. E essa coisa de profanar, é uma coisa de que eu tenho muito medo.

(09 min. 35 seg.) [...] (16 min. 20 seg.)

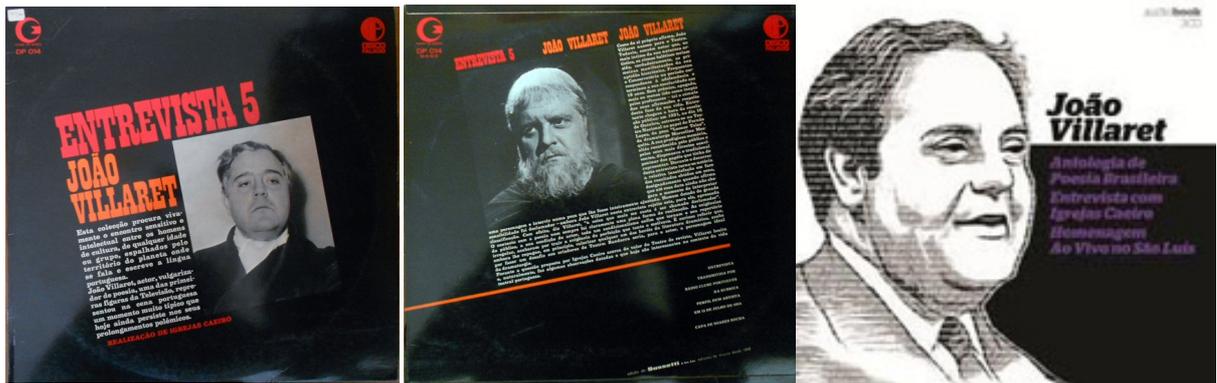
Igrejas Caeiro – João, queres recordar aquele momento que te agradou mais na tua vida de artista até hoje, será possível?

João Villaret – Não sei dizer porque tenho tido momentos muito gratos [...] Há momentos tão gratos para mim, realmente, em que eu me sinto tão recompensado de todas as coisas boas ou más que me possam ter acontecido [...] Em todo o caso, não sei, há o dia, talvez, da minha estreia, em Luanda, quando fui lá em 1950. Eu realmente senti no final do espectáculo que o público me queria dizer mais qualquer coisa do que aplaudir-me. Sentia que eu lhes levava realmente qualquer coisa de muito íntimo, de muito nosso, através dos poetas

portugueses que eu lhes disse. E foi realmente uma emoção colectiva, se assim se pode chamar, quer dizer, foi um espectáculo que não me pertenceu a mim próprio, mas a todos os que estavam lá.

[Nota] João Villaret termina a entrevista recitando um poema de Carlos Queiroz, sem comentário relevantes acerca da arte da recitação, mas com alguns importantes reparos: recitar é mais fácil (requer menos preparação no momento) que interpretar um papel teatral; dizer um poema funciona geralmente melhor na rádio do que representar um excerto de uma peça de teatro; Villaret, como excelente profissional que sabia isso e muito mais, já tinha tudo preparado para dizer um poema. A história, para abreviar, é a seguinte: Villaret recusa um convite de Caeiro para interpretar um excerto de um dos papéis da peça que tem em cena — “[...] tu viste a peça, tem três papéis e eu lançar-me em qualquer deles, é muito difícil, assim de momento sem uma preparação [...] mas posso dizer um poema qualquer para substituir isso.” Igrejas Caeiro responde com graça, um pouco surpreendido: “Concerteza, fica sempre bem substituir, porque o público adora ouvir-te.” E Villaret, sem lhe dar mais tempo, anuncia: “Um poema pequeno e simples. Vou dizer ‘Canção Grata’ de Carlos Queiroz.” E diz. E terminou.

Transcrição feita a partir da re-edição em CD da entrevista.

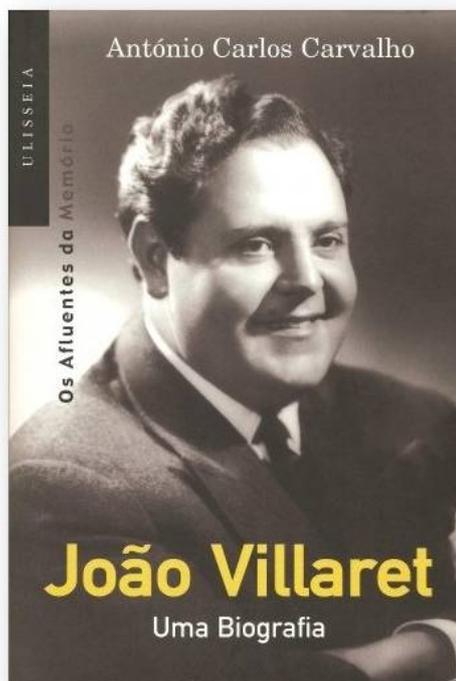


Capa e contracapa da edição original em LP (Lisboa: Sasseti, 1954). [seguidas da capa de] João Villaret – *Antologia da Poesia Brasileira; Entrevista com Igrejas Caeiro; Homenagem; Ao vivo no São Luiz*. [Registo sonoro] (3 CDs). Lisboa: Companhia Nacional de Música, 2012.

Nota

Noutra entrevista radiofónica, também de 1954 — referida por António Carlos Carvalho em *João Villaret – Uma Biografia* (Lisboa: Ulisseia, 2008), página 73 [possivelmente feita a João Villaret por Artur Agostinho (vd. agradecimentos que seguem a Bibliografia)] — Villaret desenvolveu um pouco mais as palavras que deixou a pairar: que já esteve “até quase para deixar de recitar”.

“Creio que prestei um mau serviço à poesia portuguesa, um mau serviço porque sinceramente interpretei a poesia como a sentia, com os meus defeitos e qualidades e, infelizmente, perdoem-me a imodéstia, parece que criei uma escola — uma escola horrível — porque eu, quando interpretava poesia, tinha a sinceridade dos meus defeitos e das minhas qualidades. Infelizmente, ‘a minha escola’ só tem os defeitos. Acho, por isso, que fiz um mau serviço à poesia portuguesa, pelo que me penitencio publicamente. Aproveitando a oportunidade para declarar que só muito raramente voltarei a recitar.”

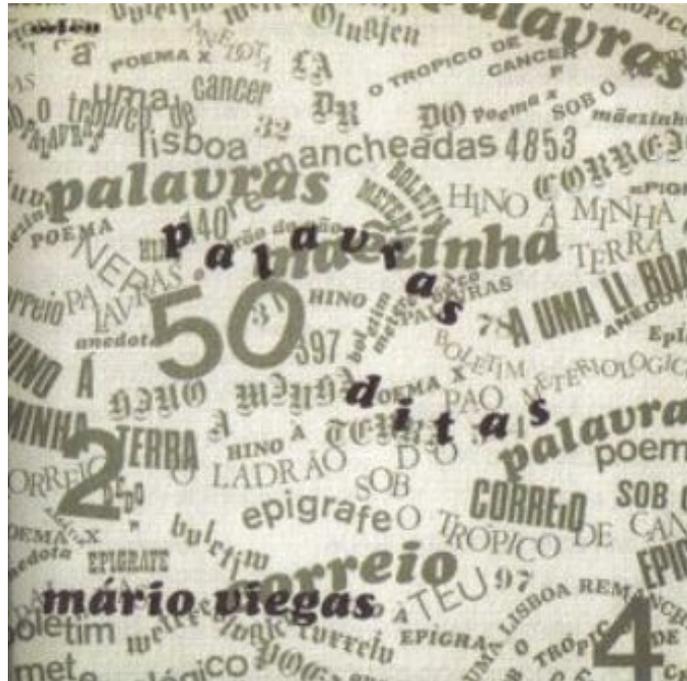


MÁRIO VIEGAS

Texto publicado no interior da capa de *Palavras Ditas* (1972) seguido de *Mário Viegas grava “O guardador de rebanhos”* de Inês Pedrosa (1984)

Mário Viegas - Texto publicado no interior da capa de *Palavras Ditas* (1972)

In *Mário Viegas - Discografia Completa*. Textos, organização e coordenação de José Niza. 14 Livros com CD. Lisboa, Porto: O Público, 2006. Vol. I, p. 73-74.



Caros amigos

Aqui vos envio um texto para a capa deste meu 2º disco, confessando que após várias tentativas não sei sinceramente o que escrever.

Ainda tentei falar sobre o significado que pode ter o gravar um disco com poemas, cujo preço vai orçar quase em 200\$00. De facto uma série de implicações e de discussões daí podem advir: “produto de elite”, “produto commercial”, oportunismos, incoerências, concessões, eu sei lá... Mas essas críticas importantes, iriam desviar-nos do assunto que neste caso, mais me preocupa (“a arte de dizer”) e acabava por cair em (auto)-justificações ridículas.

Optei depois por um texto, tentando explicar todo o disco meticulosamente: porquê uma anedota, porquê alguns efeitos técnicos, etc.

Tentei depois um texto humorístico e até tinha escolhido dois subtítulos para o disco “de algumas receitas para dizer versos com(o) receita” ou “de algumas divagações feitas pelo artista sobre a palavra na sua expressão oral”. Desisti...

Depois desisti de escrever qualquer texto, com a velha rábula de que “a obra se explica a si mesma”...

De facto, achei por bem fazer algumas observações que me parecem importantes, pensando já nalgumas reacções ou críticas que lógica e justamente poderão surgir.

Parece-me que o disco possui propostas e qualidade suficientes para levantar algumas interrogações urgentes: a (im)possibilidade de transmissão fiel, por um intérprete, da maioria das propostas de um poema; a validade (ou não) de dizer poemas; a necessidade de uma técnica específica para a declamação num disco; a (in)utilidade de uma sonorização musical; a distinção precisa entre “arte de dizer”, “arte de representar” ou “arte de cantar palavras”; eu sei lá...

Com estas dúvidas sempre presentes, pensei e preparei o mais rigorosamente possível, não só a selecção dos textos como a sua leitura. Quanto ao primeiro ponto, selecionei os textos em função das possibilidades que me davam e também (e isto é o que me interessa) porque gosto deles e têm, de facto, “alguma coisa” a ver comigo. Estou-me ralando com a diversidade de temas e autores, pois a única unidade possível é a minha voz e a sua “linguagem”.

Quanto ao outro ponto, eis uma colecção, a mais lata e agradável possível, de todos os truques, “clichés”, efeitos, que inconscientemente (como actor(es) e espectador(es) temos na nossa memória, quer a ouvir um discurso, quer a ver a representação de uma peça: são os “tons”, os ritmos, as inflexões, os demagogos, os “banha da cobra”, os silêncios significantes, as palavras sussurradas, soluçadas, berradas, são os sentimentos... o diabo... Estes efeitos são depois utilizados (e se acompanhados com música e ruídos, melhor), tanto

num poema de Camões, como num de Herberto Helder... ou na leitura duma receita de cozinha (e veja-se o resultado...).

Em resumo: um disco que me parece digno de mais de uma audição e cujas propostas e consequentes interrogações nos poderão levar a superar (ou não) estas contradições, não só duma “arte” (como é aquela aqui apresentada e posta à venda...) completamente ultrapassada e fora da transformação da realidade, como também da nossa própria maneira de a “ouvir” e agir.

Uma certeza porém (permitam-me a imodéstia...): um disco suficientemente único e satírico para coerentemente eu vos pedir (se publicarem este texto), que ponham a ,etras vermelhas na capa: **COMPREM.**

António Mário Viegas

Inês Pedrosa - Mário Viegas grava “O guardador de rebanhos”

Lisboa: Jornal de Artes e Letras, 1984. Ano III, nº 78, de 3 a 9 de Janeiro de 1984.



[p. 22]

Discos - Poesia

É bom sentir que ainda inventamos pedaços de eternidade. Espiras negras onde guardamos vozes necessárias. Alberto Caeiro nasceu a 13 de Junho de 1888 e morreu a 30 de Novembro de 1935, escreveu poesia sem deixar uma única impressão digital. Mas existe, acabou agora de gravar um duplo álbum, “O Guardador de Rebanhos”. As cordas vocais são de Mário Viegas que, numa tarde de sol, esboçou o seu registo, em imagens e som.

Face A: Pedaços de Pessoa

“Comecei a ler poesia muito tarde, tinha aí uns treze, catorze anos. Mas não comecei mal, foi com Alberto Caeiro — não com Fernando Pessoa —, o que me levou a uma crise mística muito grande, porque exigi não ser baptizado. Era muito pagão, e de repente comecei a ver Deus em toda a parte, nos cinzeiros, nas cadeiras. Contraditoriamente, baptizei-me nessa Igreja Católica onde, como dizia Caeiro, tudo é bastante estúpido. Hoje sou o mais anticatólico possível, mas foi assim. Passou o misticismo, mas a paixão permaneceu. Os poemas de Pessoa são o meu ‘hobby’ quotidiano. Mas sou mais Álvaro de Campos que Alberto Caeiro. A seguir tenciono gravar a ‘Ode Marítima’, só que a ‘Ode Marítima’ é ‘Os Lusíadas’ do séc. XX, é impossível dizê-la bem. Tenho medo, vou até ver se deixo de fumar para ficar com melhor voz.

Gravei já catorze discos de poesia, calhou ser agora o Fernando Pessoa. Calhou-me até muito bem, mas o Pessoa está a entrar na moda, nacional e internacionalmente. Ele tem um poema do Álvaro de Campos em que diz que todos lá chegam, e ele também já chegou, lixou-se. A AD descobriu a décima sétima exposição, descobriu a Índia, o Brasil e a África, o Partido Comunista descobriu que tinha já começado 1383 e o Camões já era mais camarada que os camaradas, e o Partido Socialista, com medo de perder o comboio, aproveitou-se já dos ossinhos do Fernando Pessoa para os passar para os Jerónimos. Não faço parte do clã dos salteadores da arca perdida. Tenho uma peça escrita sobre o Fernando Pessoa e o Mário de Sá Carneiro, chamada “O Esfinge Gorda”, que é uma das autodefinições do Sá Carneiro, e que seria um pseudoencontro num café, entre os dois, feito através de colagens das cartas de Sá Carneiro e um poema de Álvaro de Campos, “A Passagem das Horas”, talvez a sua obra máxima e que eu descobri que é a resposta ao grande desgosto que Pessoa deve ter tido com a morte do único homem que na altura o compreendeu. Nunca li esta tese em lado nenhum mas acho que “A Passagem das Horas” é a descompostura ao Mário Sá Carneiro por ele se ter suicidado. Quis encenar a peça e fazê-la representar. Depois lixou-se tudo

porque apareceu o filme do João Botelho, “A Conversa Acabada”, e isso coibiu-me um bocado. Para já porque eu gostei muito do filme, e depois porque podia parecer uma cópia, apesar de ser diferente.

Face B: História de um guardador de rebanhos

“Há cerca de três anos comecei a preparar um espectáculo a solo com o guardador de rebanhos, mas tinha de decorar os poemas e que trabalhar, e eu sou uma pessoa muito mandriona. Esta hora e meia gravei-a em três dias, mas saiu de um trabalho prévio muito aturado. Se se acompanhar a edição do disco com a leitura, verifica-se que todos os pontos, todas as vírgulas e exclamações estão impecavelmente cumpridas com lápis. Já uma parte visual do poema que eu quis pôr. Não quis impor a minha personalidade como actor ou recitador, mas também não faço uma leitura branca — agora é moda falar-se de leituras brancas, mas eu não sou racista. Uma pausa ou uma inflexão são já formas de optar acerca da sensibilidade. Um recitador é tanto mais completo quanto mais leituras vai abrindo ou mais emoções vai dando à pessoa que o ouve. Dizer tudo muito bonitinho, qualquer um pode fazer, basta saber ler e não ser cioso — esta é a minha única tese sobre a arte de dizer, eu já tenho muitos anos disto e não tenho paciência para teorizar.

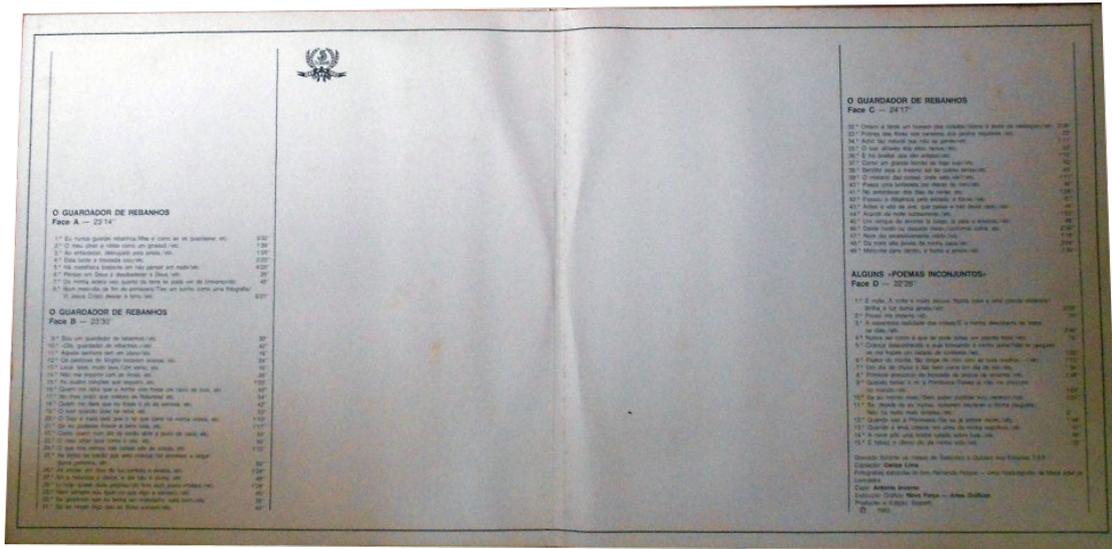
A maneira como os poemas estão ditos é a maneira como eles estão ditos. Está exactamente aquilo que eu queria. O melhor que eu tenho feito na minha vida tem sido enquanto recitador, que é um heterónimo meu. Considero este disco a coisa mais madura que fiz até hoje. E está muito bem pensado, sem ruídos. Mais importantes do que as palavras, são as pausas, os silêncios e os tempos. Tem um clima próprio, é um disco para se saborear por faces. A capa, de António Inverno, é de um extremo bom gosto. Enfim, **pessoalizei** muito, porque alias quando eu digo um poema é porque gostava de o ter escrito.

Tenho a impressão que este disco está voltado para o público jovem até porque os poemas do Caeiro falam aparentemente de paz, de serenidade, são uma tentativa de reencontro com a natureza, e parece-me que é isto que a juventude procura, agora que se vive um quotidiano de apocalipses possíveis, com guerras nucleares, ‘stress’ e outras modas capitalistas. O Caeiro é feliz. Álvaro de Campos diz que se calhar a felicidade só existe na Austrália, e deve ser aí que mora Caeiro.”

A agulha levanta. Mário Viegas apaga o último cigarro (que diferença faz mais um cigarro na tua ode marítima?).

É hora de pousar o jornal, é hora de ouvir o guardador de rebanhos.

É ora.

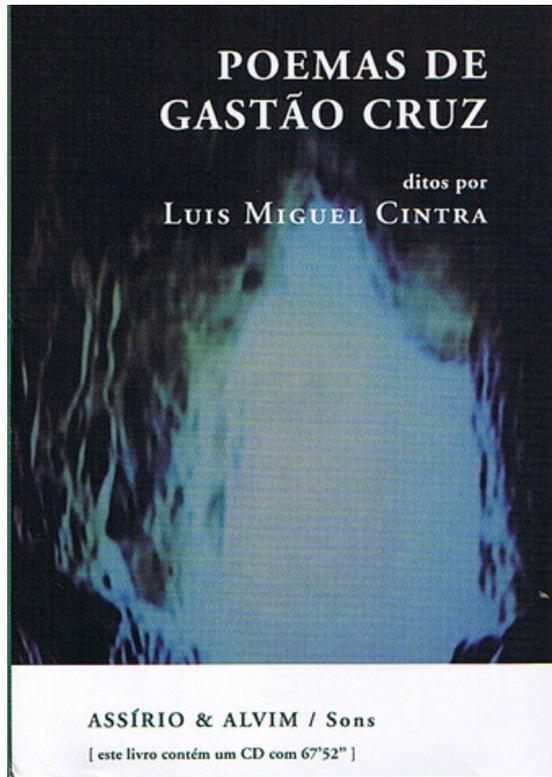


LUÍS MIGUEL CINTRA

Apresentação

Poemas de Gastão Cruz ditos por Luís Miguel Cintra

Livro + CD. Lisboa: Assírio & Alvim, 2005. Série Sons.



Comecei a ler poesia em voz alta com o Gastão Cruz. Na Faculdade de Letras de Lisboa. Fim dos anos 60. Ele andava ainda por lá. Não sei se já tinha acabado o curso, se ainda lhe faltava alguma cadeira. Sei que o Gastão fazia parte desses dias da vida em comum que nesses anos vivemos e nos afeiçoaram a vida inteira. Reuníamos-nos na pequenina sala do grupo de teatro ao lado do bar, às vezes em sua casa. Ele trazia a escolha de poemas: toda a grande poesia. De Camões e Sá de Miranda aos novos: os novos mais velhos, Carlos de Oliveira, Eugénio de Andrade, Sophia, Ramos Rosa, e a nossa poesia, a Fiamma, a Luiza Neto Jorge, o Ruy Belo, o Herberto Helder, e também, mas raramente, o próprio Gastão. Aprendíamos a ler: as respirações, os ritmos, as sonoridades, as palavras uma a uma, a estrutura dos poemas, o sentido. Queríamos dar-lhes voz mas deixá-los intactos na pureza da sua escrita, verso a verso, sem exibicionismo de interpretação. Só aprendíamos a ler, com a minúcia e o cuidado de quem muito ama e não quer estragar. Depois íamos dá-los a ouvir onde nos deixassem, lutando para que o trabalho das palavras fizesse parte da transformação do mundo que

teríamos e para que queríamos trabalhar: na própria Faculdade, na III, nas chamadas sessões de canto livre, muito na margem esquerda, tantas vezes com o Zeca Afonso a cantar. O Gastão começava assim um ofício afectivo que, a par do seu ofício de poeta, nunca abandonou: ler e dar a ler a poesia dos outros.

Também eu fiquei fiel a esse tempo. Com o trabalho do Gastão aprendi a conviver com a poesia que gosto e a ganhar o gosto de a ler e a dar a ouvir. E foi afinal com ele, com a memória da sua companhia, que fui ganhando também o prazer de a “interpretar”. Tenho para mim que ler poesia com a voz não pode ser nunca só conhecê-la e dá-la a conhecer. Ler poesia é torná-la nossa, que a voz, tanto como os olhos, quer se queira quer não, é espelho da alma. Ler poesia é como representar, é inventar quem fala, é reinventar um poeta e recriar o momento de escrever. Por isso é importante escolher o que se lê, não ler qualquer coisa, amar o que se diz, decidir que palavras vão passar a fazer parte de nós e serão daí em diante também nossa memória e nos irão ajudar também a escrever e a ler novas palavras, a estar com os outros.

Quis que chegasse um momento, sempre querido e adiado, ou sempre evitado, não sei, de ler em voz alta a poesia do próprio Gastão. Não foi uma descoberta, foi ganhar coragem para olhar de frente um afecto muito antigo. Foi deixar que a voz mostrasse uma tão grande amizade e uma identificação minha com o que julgo maneira sua de sentir a poesia e que já faz parte de mim há muito tempo. Amor da forma a que a vida foi dar corpo. Dar a ouvir uma paixão, uma maneira de colar o coração à pele, que uma profunda responsabilidade literária vai contendo em versos quase lapidares. E cada vez mais construída em diálogo com a poesia dos outros. E com a passagem dos anos de forma cada vez mais discursiva. O trabalho discreto e viril de ir sempre tornando em pedra trabalhada a memória dos sentidos, a vibração dos momentos, a dor que se vive, a noção de tempo, o convívio com a morte. De encontrar maneira de poder tornar pública e de todos a maior intimidade, aquilo que é mesmo a nossa vida. Um continuado ofício da memória. Mais do que uma austeridade, uma nobreza. E quase confundo a poesia do Gastão com o que, para mim, passou a ser a noção do próprio trabalho do poeta.

Quis que a escolha dos poemas fosse percorrendo os livros um a um. Porque cada um é nova estância que a minha amizade reconhece, elaborada de gravidade em gravidade, e porque eles foram de facto pontuando a minha vida. Reconheço um percurso que não é

solitário, é uma voz da passagem dos anos pela minha geração. As *Aves*, por exemplo, foi para nós a poesia da guerra colonial. As canções de *Outro Nome* foram a nossa maneira de viver os verdes anos. A obsessão da morte que percorre os últimos livros é agora o nosso sentir. Esta poesia, como a da Luiza, como a da Fiama, como a do Ruy, como mais tarde a do Gusmão, é, para mim, o que fica de como fomos vivendo, é a poesia dos nossos amigos. É também parte de mim.

Não gravei este disco sozinho. Não quis. Tive vontade de partilhar a escolha dos poemas com o Gastão, e foi ele que mos ouviu ler, como se retomasse um trabalho antigo que, perto ou longe, afinal sempre fui fazendo com ele. Tentei que na minha voz ficasse exposta uma parte de mim que é uma sua trabalhada maneira de sentir, que a minha voz dissesse uma outra voz que me formou e que tenho por exemplar.

LUIS MIGUEL CINTRA

Outras referências bibliográficas:

MONTEIRO MARQUES, Diana Dionísio – *Um Teatro com Sentido: A voz critica de Manuela Porto*. [Em linha]. Tese de Mestrado em Estudos de Teatro. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa – Centro de Estudos de Teatro, 2007. 7 ficheiros (pdf) (203 p.). Refere e cita partes dos textos de Régio e Dionísio. [Consult. 27 janeiro 2014]. Disponível em WWW: <URL: <http://repositorio.ul.pt/handle/10451/350>>.

RIBEIRO, João Reis - *Quando Sebastião da Gama escreveu na imprensa...* [Artigo em linha]. Blogue da Associação Cultural Sebastião da Gama, 2010. 1 página (html). Contém uma “Bibliografia activa de Sebastião da Gama na imprensa do seu tempo”. [Consult. 27 de janeiro de 2014]. Disponível em WWW: <URL: <http://sebastiaodagama-acsg.blogspot.pt/2010/04/quando-sebastiao-da-gama-escreveu-na.html>>.